

# DA IMPOSSIBILIDADE DE ESCOLHER: uma análise do filme *Sr. Ninguém*, a partir do existencialismo de Sartre

Adriano Gomes Carreira\*

---

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo tecer uma análise do filme *Sr. Ninguém* (Jaco Van Dormael, 2009) à luz das concepções filosóficas expressas na obra *O existencialismo é um humanismo*, de Jean-Paul Sartre. Através desse percurso, tencionamos evidenciar a paradoxalidade da fala do protagonista da película quando enunciada pela perspectiva do existencialismo ateu sartreano.

**Palavras-chave:** Filosofia. Cinema. Existencialismo. Liberdade. Escolha.

---

72

## 1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho, analisaremos o filme *Sr. Ninguém* (Jaco Van Dormael, 2009) pela perspectiva do existencialismo ateu de Jean-Paul Sartre, conforme exposto na obra *O existencialismo é um humanismo* (1946). Após uma breve consideração da obra cinematográfica e do texto filosófico, abordaremos a questão da escolha como elemento constitutivo da identidade humana, a partir de duas perguntas-chave: a escolha é algo inerente e constitutivo da condição humana, como pretende Sartre? Seria possível viver fazendo escolhas relativas e distintas em cada momento da vida e com o mesmo teor, como sugere o filme?

---

\* Aluno do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Uma primeira versão do presente texto foi apresentada como avaliação no componente curricular *Metodologia da pesquisa científica*, ministrada pelo professor Clédson Luciano Miranda dos Santos, no semestre 2018.2. E-mail: adrianocarreira@gmail.com.

Na obra cinematográfica citada, a vida de Nemo Ninguém, o último homem mortal, é retratada como objeto de curiosidade, nos derradeiros anos do século XXI. Ocorre que, ao expor suas memórias, o protagonista apresenta, de maneira não linear, versões narrativas distintas e mutuamente contraditórias que interferem entre si. Desdobramentos de diferentes escolhas sobre um mesmo ponto da história, eventualmente, coexistem e se influenciam.

A inusitada estrutura narrativa acima mencionada proporciona ao espectador ampla abertura interpretativa, permitindo que o filme seja classificado em diferentes gêneros e subgêneros, como drama, romance, fantasia ou mesmo ficção científica. Ocorre que, de modo a sermos coerentes com a proposta apresentada, necessária se faz a desconsideração de interpretações amparadas em fantasias especulativas, visto que essas prescindem de uma realidade concreta, aspecto particularmente caro ao existencialismo sartreano. Por esse viés realista, o mote central da película é, como pretende-se demonstrar, a escolha humana.

Com efeito, historicamente, diversos filósofos debruçaram-se sobre questões decorrentes do processo de escolha e sua importância para a identidade pessoal, bem como sobre sua definição e diferentes espécies. Em Sartre, todavia, o livre escolher ganha especial relevância ao apresentar-se como questão central para a autodefinição do sujeito, uma forma de exercício de sua humanidade. Para o filósofo francês, como máxima expressão de liberdade, o ser humano precisa inevitavelmente fazer escolhas - mesmo em um mundo desprovido de valores universais - e, nesse processo, construir a si mesmo. 73

## 2. NINGUÉM É LIVRE

Em 1921, o médico suíço Hermann Rorschach publicou a primeira versão de sua célebre técnica de avaliação psicológica pictórica (PEREZ, 2019, p. 21). O teste de Rorschach, como ficou conhecido, consiste em propor ao intérprete que este atribua significado a borrões de tinta simétricos pré-determinados. Esse processo de significação a partir de estímulos imprecisos realiza-se através da articulação simbólica entre a imagem e o intérprete, que pode dar significado à figura como um todo, ou

a um segmento específico, atribuindo características diversas como estaticidade ou movimento.

O teste propõe que seja encontrado um significado para cada prancha. Ocorre que, eventualmente, são identificadas diversas interpretações simultâneas, ou mesmo nenhuma. Em determinados momentos, cabe ao intérprete abstrair, na busca por atribuir algum sentido, alterando mentalmente alguns contornos, inserindo novos ou relevando partes da forma original (LILIENFELD; WOOD; GARB, 2001, p. 82), e todas essas opções são válidas, ainda que mutuamente excludentes. Esse aparente conflito causado pela constatação de múltiplas interpretações pode causar desconforto ao intérprete acostumado a buscar uma resposta única, uma verdade.

A perspectiva do personagem Nemo Ninguém, na forma como é descrita na película, permite ao espectador refletir sobre aspectos fundamentais da natureza humana. A possibilidade de esta ser definida previamente não encontra apoio. A outra possibilidade, aquela que é tratada por diversas correntes filosóficas, a exemplo do existencialismo ateu de Sartre e que afirma que a natureza humana - incluindo aí a identidade humana - é um processo que ocorre a partir das escolhas que os homens realizam, também não. 74

O emaranhado enredo, decorrente do modo como as histórias são apresentadas - a exemplo do teste de Rorschach, referenciado pela película em alguns momentos -, resulta numa abertura interpretativa não redutível a elementos narrativos específicos. Nesse compasso, o presente trabalho discorre sobre uma possível interpretação para o filme *Sr. Ninguém* (Jaco Van Dormael, 2009), sem, no entanto, negar a possibilidade de outras, sem privilegiar ou sustentar uma pretensa verdade para a história. Para tanto, conforme mencionado anteriormente, apresentamos, a seguir, algumas concepções filosóficas pertinentes ao existencialismo ateu de Jean-Paul Sartre.

### 3. SOMENTE O “EU” É RESPONSÁVEL

Para o existencialismo ateu de Sartre, inexistente uma natureza humana comum que nos defina enquanto humanidade. Inexistente uma essência

humana *a priori* definida por Deus ou qualquer outra superestrutura transcendental. A essência do homem é, efetivamente, construída através de suas escolhas. É no ato e na afirmação de seu livre escolher que o homem exerce sua liberdade e, assim, constrói a si mesmo.

O existencialismo ateu, que eu represento [...] declara [...] que se Deus não existe, há ao menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito e que esse ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa aqui que a existência precede a essência? Isso significa que, primeiramente, existe o homem, ele se deixa encontrar, surge no mundo, e que ele só se define depois. O homem tal como o concebe o existencialista não é definível porque, inicialmente, ele nada é. Ele só será depois, e ele será tal como ele se fizer. Assim, não existe natureza humana, já que não há Deus para concebê-la. O homem é apenas não somente tal como ele se concebe, mas tal como ele se quer, e como ele se concebe após existir, como ele se quer depois dessa vontade de existir - o homem é apenas aquilo que ele faz de si mesmo. Tal é o primeiro princípio do existencialismo (SARTRE, 1973, p. 12).

75

Nessa busca por uma identidade que lhe seja própria e lhe defina, Sartre delega ao homem a responsabilidade, não apenas sobre si, mas também sobre toda a humanidade.<sup>1</sup> Sustenta o filósofo francês que as escolhas individuais definem o homem que julgamos como preferencial. Com efeito, quando um indivíduo adere a determinado valor como, por exemplo, a monogamia, esta é favorecida como modelo para os demais. Desse modo, escolhendo-se, escolhe-se o homem (Cf. SARTRE, 1973, p. 13). Essa produção de efeitos das escolhas, para além de uma esfera individual, segundo Sartre, angustia o homem. A angústia revela uma certa consciência da sua essência (sua natureza) e implica a própria responsabilidade nos dois sentidos: consigo mesmo e com os demais.

A angústia surge, portanto, da articulação entre a inevitabilidade da obrigação de escolher e o reconhecimento da responsabilidade pelas

---

<sup>1</sup> Sua resposta é decisiva para responder às diversas críticas que recaiam sobre a sua filosofia, acusada de não ter compromisso - interpretando incorretamente o dito de Dostoiévski, segundo o qual, se Deus não existe, tudo é permitido. Ao abolir a essência (Deus, metafísica clássica...), Sartre imputa ao homem a tarefa de ser ele mesmo, realizar, na existência, sem apelo a uma âncora no céu ou em alguma instituição ou autoridade.

consequências da escolha realizada. No entanto, para o filósofo, não se trata de uma angústia paralisante, mas sim de uma angústia ordinária, simples, inerente à ação.

Tal angústia todos os chefes a conhecem. Mas isso não os impede de agir: pelo contrário, isso mesmo é a condição da sua ação. Implica isso, com efeito, que eles encaram uma pluralidade de possibilidades; e quando escolhem uma, dão-se conta de que ela só tem valor por ter sido escolhida. Esta espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo, veremos que se explica, além do mais, por uma responsabilidade direta frente aos outros homens que ela envolve. Não é ela uma cortina que nos separe da ação, mas faz parte da própria ação (SARTRE, 1973, p. 14).

Diferenciando-se do pensamento laicista de seu tempo, que postulava a necessidade de defesa da existência de valores morais apriorísticos,<sup>2</sup> Sartre propõe que cada indivíduo assuma as consequências de suas escolhas, mesmo na hipótese da inexistência de uma divindade norteadora da moral humana. O sentimento de abandono decorrente dessa postura metafísica,<sup>76</sup> caracterizada por seus adversários como uma visão de mundo ateísta, Sartre nomeou como desamparo. Este constitui-se na constatação da ausência de critérios que orientem a tomada de decisão e deem garantias à assertividade da escolha realizada.

O existencialista [...] pensa que é muito incomodativo que Deus não exista, porque desaparece com ele toda a possibilidade de achar valores num céu inteligível; não pode existir já o bem *a priori*, visto não haver já uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em parte alguma que o bem existe, que é preciso ser honesto, que não devemos mentir, já que precisamente estamos agora num plano em que há somente homens. Dostoiévski escreveu: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Aí se situa o ponto de partida do existencialismo. Com efeito, tudo é permitido se Deus não existe, fica o homem, por conseguinte, abandonado, já que não encontra em si, nem fora de si, uma possibilidade a que se apegue (SARTRE, 1973, p. 15).

---

<sup>2</sup> Sobremaneira as correntes de pensamento caracterizadas como *existencialismo cristão*, representadas por Gabriel Marcel e o *Personalismo*, representada por Emmanuel Mounier.

Em decorrência dessa desvinculação com qualquer ordem transcendente, Sartre reafirma a liberdade humana dizendo que “[...] o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo é responsável por tudo quanto fizer” (1973, p. 15). Eis, por conseguinte, uma escolha que não se pode fazer: ao homem não é permitido declinar de sua liberdade.<sup>3</sup> Nada retira de seus ombros o peso dessa autonomia, dessa inescusável autodeterminação. O homem é, destarte, produto de sua liberdade. Se, por um lado, a condição humana exige que o homem escolha, a liberdade, por outro, lhe confere soberania e, conseqüentemente, responsabiliza-o quanto ao modo, ao momento e aos critérios de sua eleição.

A liberdade é, para Sartre, a liberdade do sujeito humano e não outro. A noção de sujeito inclui, na filosofia sartreana, o conceito de liberdade, uma vez que a liberdade somente é liberdade de um sujeito cuja consciência é autônoma para escolher e, no ato mesmo da escolha, reconhece-se como consciência intencional (MARTINS, 2018, p. 8).

77

Feitas as considerações sobre angústia e desamparo, Sartre caracteriza o que ele entende por desespero. Trata-se da sensação experienciada por aquele que, embora livre, reconhece que não exerce controle sobre todas variáveis de sua existência. Frente às incertezas sobre possíveis desdobramentos, à imprecisão das mediações, à implexa tentativa de harmonização entre valores acidentalmente conflitantes, o homem se desespera.

O desamparo implica sermos nós a escolher o nosso ser. O desamparo é paralelo da angústia. Quanto ao desespero, esta expressão tem um sentido extremamente simples. Quer ela dizer que nós nos limitamos a contar com o que depende da nossa vontade, ou com o conjunto das probabilidades que tornam a nossa ação possível. Quando se deseja uma coisa, há sempre uma série de elementos possíveis (SARTRE,

<sup>3</sup> Mesmo que ele não faça escolha alguma, está escolhendo. Existencialmente falando, o homem pode negar a sua própria possibilidade de ser ele mesmo ao se deter em valores a *priori* e/ou vivendo na inautenticidade.

1973, p. 18).

Em *Sr. Ninguém*, Nemo sustenta contrariedade quanto ao caráter inescapável do escolher. Diante da desorientação expressa pelo repórter que busca estabelecer uma linearidade lógica no exposto, Nemo o indaga: “Você quer dizer que temos que fazer escolhas?”. De modo a deslindar seu ponto de vista, o protagonista vale-se de uma analogia com uma possível posição de peças no tabuleiro de xadrez tradicionalmente chamada de *zugzwang* e diz que, diante de escolhas impossíveis, o único movimento viável é não se mover.

Para Sartre, o escolher é irrecusável, pois mesmo a declinação da escolha constitui-se numa escolha em si. Comenta o filósofo que “[...] a escolha é possível num sentido, mas o que não é possível é não escolher. Posso sempre escolher, mas devo saber que se eu não escolher, escolho ainda” (SARTRE, 1973, p. 23). Voltando à analogia enxadrística feita por Nemo, cumpre esclarecer que, em verdade, quando da ocorrência do chamado *zugzwang*, mesmo não havendo nenhuma opção favorável aos dois jogadores, um deles é obrigado a fazer o seu lance, indo para uma posição mais desfavorável (HOOPER; WHYLD, 1992, p. 458). Assim, mesmo no xadrez, não se mover nunca é uma opção. 78

#### 4. PONTOS DE CONFLUÊNCIA E OUTROS PONTOS

No filme *Sr. Ninguém*, desde a infância, Nemo expressa uma grande dificuldade de efetuar escolhas. A angústia e o desespero devidos à possibilidade de uma má escolha o impedem de tomar decisões bastante simples, como optar entre um doce ou outro. Em seus primeiros anos, Nemo parece atribuir um peso insuportável ao ato de escolher, como se temesse um suposto fatalismo decorrente de uma verdade não conhecida.

No velho Nemo, no entanto, essa dificuldade é afastada por seu discurso. Próximo ao seu aniversário de 118 anos, o protagonista não apenas nega a possibilidade de identificação de uma única verdade como não desiste de viver e reinventar sua trajetória. Todas as vidas, independentemente de terem sido efetivamente vividas ou não, são igualmente valoradas. Ao final do filme, ao ser questionado sobre qual o

“caminho correto”, Nemo esclarece que, para si, todo caminho é o caminho correto e, em seguida, faz uma referência a Tennessee Williams ao dizer que “[...] tudo poderia ter sido de outro modo e teria tanto valor quanto”.<sup>4</sup>

Apesar das dificuldades inúmeras vezes vividas frente à necessidade de escolher, o velho Sr. Ninguém não expressa, em seu discurso, qualquer espécie de ressentimento ou rancor pelos infortúnios narrados. Em sua velhice, o protagonista procura tirar o melhor da debilidade de sua memória ao declarar seu desinteresse por saber aquilo que de fato escolheu. Busca, desse modo, afirmar a vida em toda a sua capacidade. Compromete-se com todas as escolhas, realizadas ou não. Dá sentido às ações em suas plenas potencialidades. Seu rosto é marcado pela pluralidade dos possíveis, o somatório de tudo que poderia ter sido.

Para o existencialismo sartreano, entretanto, a ação constitui fator determinante da realidade. Para Sartre, o homem não é “[...] nada mais do que o conjunto dos seus atos, nada mais do que a sua vida” (1973, p. 19). O apego a devaneios sobre possibilidades não vividas, especulações sobre a potencial viabilidade daquilo que nunca aconteceu, alimenta no homem a **79** ilusão de ser mais do que aquilo que foi. Anestesia-o de sua miséria, sem, no entanto, afastá-lo de sua vida.

Ora, na realidade, para o existencialista não há amor diferente daquele que se constrói; não há possibilidade de amor senão a que se manifesta no amor, não há gênio senão o que se exprime nas obras de arte; o gênio de Proust é a totalidade das obras de Proust; o gênio de Racine é a série das suas tragédias, e fora disso não há nada; por que atribuir a Racine a possibilidade de escrever uma nova tragédia, já que precisamente ele a não escreveu? Um homem embrenha-se na sua vida, desenha o seu retrato, e para lá desse retrato não há nada (SARTRE, 1973, p. 19-20).

Ao buscar uma autodefinição, alienada das ações, balizada por expectativas frustradas, anseios baldados, frutos não colhidos (ou colhidos

---

<sup>4</sup> Em sua versão original, em inglês, a citação é apresentada como “*Everything could've been anything else. And it would have just as much meaning*”. Porém, o correto seria “[...] *anything might have been anything else and had as much meaning to it...*” (WILLIAMS, 1954, p. 39). Apesar da imprecisão, o sentido permanece inalterado.



fora de seu tempo), Nemo, ou qualquer outro que assim o faça, se define não em positivo, mas em negativo. Delineia sua vida pelo que não viveu.

## 5. NINGUÉM: O IMPESSOAL

Por fim, apontamos que a autodenominação do protagonista como “Ninguém” não se revela como elemento de originalidade da obra em análise. Em certo trecho da *Odisseia*, ao ser capturado junto com seus companheiros pelo ciclope Polifemo, Odisseu apresenta-se como “Ninguém”.

[...] Ciclope, queres conhecer  
meu renomado nome? Eu te direi, e, em troca,  
receberei de ti o dom que cabe ao hóspede:  
Ninguém me denomino; Minha mãe, meu pai,  
sócios, não há quem não me chame de ninguém.  
(HOMERO, 2014, Canto IX, vv. 363-367, p. 271).

Posteriormente, aproveitando-se do pesado sono do ciclope, Odisseu<sup>80</sup> e seus homens utilizam-se de um espeto de madeira para perfurar o único olho de Polifemo. Este acorda e, urrando de dor, clama pelo socorro dos outros ciclopes que, ao questionarem quem o havia ferido, recebem “Ninguém” como resposta.

Ao assumir o nome “Ninguém”, tal qual Odisseu, o protagonista da obra cinematográfica em análise afirma seu caráter escorregadio. Através da declaração do nome Nemo, que, em latim, também significa “ninguém”, embaraça qualquer esforço de apreensão de si, por si e por outros. A simples pronúncia de sua alcunha, longe de promover a devida designação, traduz-se em instrumento de desorientação.

Com efeito, a debilitada memória do protagonista obsta ao espectador o estabelecimento preciso das escolhas por ele realizadas e, conseqüentemente, inviabiliza qualquer esforço interpretativo no sentido de defini-lo. Como demonstramos, o caráter distintivo que define o homem, ainda que individualmente, é, para o existencialismo sartreano, uma questão fundamental. Constituída através de suas escolhas, a natureza do homem não se determina unicamente por estas, mas também pelos sentidos

(significados) que lhes são dados. Estes sentidos são a expressão dos valores que se revelam em cada escolha.

Sartre parte da ausência de predeterminação para afirmar a liberdade humana exercida através das escolhas. Nemo afirma sua liberdade pela aceitação da errância, da aleatoriedade e do caráter fortuito desse mesmo escolher. A diferença entre ambas as abordagens sobre a liberdade reside no respectivo grau de comprometimento com a ação. Enquanto a fala de Nemo se atém ao aspecto potencial das experiências, desconectado de sua historicidade, as concepções filosóficas de Sartre comprometem-se com a vida concretamente vivida, com as escolhas efetivamente realizadas, com a ação circunstanciada na história do indivíduo. Outrossim, para o existencialismo sartreano, sem a devida contextualização do agir, o exame da liberdade humana carece de fundamento.

Para Sartre, é impossível escolher no vazio, ou seja, a escolha ocorre e se reafirma na concretude da existência. Não apenas no momento da decisão, mas ao assumir as consequências de tais escolhas, ainda que Deus não exista.

## 6. CONCLUSÃO

81

Para o existencialismo ateu de Sartre, a liberdade realiza-se no agir do homem frente a uma realidade concreta. Nos moldes em que é postulada, a liberdade humana obsta qualquer espécie de parametrização objetiva de valores sobre suas escolhas, sobre suas ações. É no ato e na afirmação de seu livre escolher que o homem exerce sua liberdade e, assim, constrói a si mesmo, no ato de assumir as consequências de suas escolhas.

O discurso de Nemo, em sua velhice, apresenta-se como uma retórica de refutação ao existencialismo sartreano, ao negar o inescapável exercício de sua liberdade através do escolher. Angústia, desamparo, desespero, ainda que confessadamente experienciados em sua juventude, são, na senilidade, discursivamente superados pela ignorância (real ou simulada) daquilo que foi ocasionalmente escolhido. Enquanto Sartre encontra na ação um sentido de autodeterminação do homem, Nemo encontra na casualidade da vida uma razão de esvaziamento de sentido desse mesmo agir.

Em sumária referência ao Canto IX da *Odisseia*, vimos que, ao se nomear como “Ninguém”, Odisseu se valeu da articulação de um truque linguístico para ludibriar Polifemo, um oponente imensamente mais forte, porém tolo. Pela perspectiva monocular do ciclope, o filho de Laerte não pôde ser contemplado com a devida profundidade, possibilitando que “Ninguém” fosse, assim, esvaziado de conteúdo e se tornasse um vocábulo meramente designativo.

O mesmo não acontece ao examinarmos Nemo Ninguém pelos sagazes olhos de Jean-Paul Sartre. Ao buscar a afirmação de uma pretensa liberdade pela renúncia ao processo de escolha, Nemo, irrefletidamente, escolhe ainda. A adesão a resultados obtidos pela aleatoriedade dos lançamentos de uma moeda, ou qualquer outro critério que pretensamente lhe atenuaria o ônus do processo de tomada de decisão, não lhe preserva da experiência da angústia, do desamparo e do desespero decorrentes. Não lhe absolve de sua condenação à liberdade. Independentemente da alcunha pela qual se declara, Nemo Ninguém é, ainda, alguém.

## REFERÊNCIAS

82

HOMERO. *Odisseia*. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2014 [Bilíngue].

HOOPER, David; WHYLD, Keneth. *The Oxford companion to chess*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1992.

LILIENFELD, Scott O.; WOOD, James M.; GARB, Howard N. What's wrong with this picture? *Scientific American Mind*, v.16, Abr. 2005, p. 80-87.

MARTINS, Jasson. *Sartre e as consequências ético-ontológicas da metafísica*. Vitória da Conquista: UESB, 01.10. 2018, 15p. Texto não publicado e não revisado.

PEREZ, Alexander Gomez. *Introducción al estudio del test de Rorschach*. Seattle: Libros Ciencia, 2019.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

WILLIAMS, Tennessee. **One arm and other stories**. Nova Iorque: New Directions, 1967.

**Adriano Gomes Carreira**

<http://lattes.cnpq.br/4941986535813383>